

MITOS DE ORIGEM E MEMÓRIA COLETIVA:

UM ESTUDO DE GRUPOS QUE MIGRARAM A PARTIR DE POLÍTICAS OFICIAIS DE COLONIZAÇÃO PARA UMA CIDADE DA AMAZÔNIA LEGAL BRASILEIRA

NATÁLIA ARAÚJO DE OLIVEIRA¹

INTRODUÇÃO

A expansão da fronteira agropecuária brasileira na região da Amazônia Legal², iniciada a partir da década de 1940 durante o governo de Getúlio Vargas já foi analisada a partir de vertentes econômicas e políticas (IANNI, 1978). Entretanto, a análise desses acontecimentos a partir dos grupos envolvidos no processo constitui-se um ponto a ser discutido. Ao se mencionar os grupos envolvidos, fala-se dos indígenas, primeiros habitantes da região e também dos expedicionários da Marcha para Oeste, que responderam ao chamado nacional para desbravar o Centro-Oeste brasileiro e migraram para a região a partir da década de 1940, transformando-se posteriormente em Pioneiros. Outro grupo envolvido no processo de povoamento da Amazônia Legal brasileira é composto por sulistas, que migraram a partir da

¹ Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: natalia.oliveira@ufrgs.br

² A Amazônia Legal compreende os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão, compondo uma área de aproximadamente 5.000.000 km².

década de 1970 por meio das políticas de colonização do governo brasileiro para desenvolver esta região.

Em virtude do processo de expansão agrícola do Centro-Oeste brasileiro esses grupos migraram ao Mato Grosso, entrando em contato com o novo espaço. Uma cidade que caracteriza bem o contato destes grupos é Nova Xavantina, localizada no interior de Mato Grosso e integrante da Amazônia Legal brasileira. Esta pequena cidade³ é fruto de diferentes políticas nacionais de colonização e, anterior a estas políticas, já era habitada pelos indígenas de etnia Xavante, que dão origem ao nome do município.

A migração dos Pioneiros e Gaúchos à região foi realizada a partir da criação de políticas nacionais de colonização, que moldaram a identidade coletiva destes grupos. Como será visto adiante, as estratégias utilizadas a fim de colocá-los em marcha transformaram migrantes pobres em heróis nacionais, resultando em mitos coletivos que tentam se sobrepor na memória coletiva da cidade. Ademais, os Xavante também reivindicam seu espaço como primeiros habitantes e, por isso, importantes na sociedade nova-xavantinense. Assim, o objetivo do presente artigo é mostrar os mitos coletivos de diferentes grupos que migraram para a Amazônia Legal Brasileira a partir de políticas de colonização oficiais e como a memória coletiva de cada um deles objetiva se sobrepor às demais quando se toca no tema específico do pioneirismo da cidade de Nova Xavantina/MT.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PESQUISA DE CAMPO

Para se refletir sobre as memórias coletivas de cada grupo e a intersecção entre elas é necessário compreender a noção de grupos étnicos, pertencimento e memória coletiva. Weber (1994) define grupos étnicos como os grupos que, devido às semelhanças

3 Segundo dados do Censo 2010 (IBGE, 2011), a cidade de Nova Xavantina possui 19.082 habitantes.

no *habitus* externos ou nos costumes – ou em ambos, ou ainda em virtude de lembranças da colonização e migração, possuem uma crença subjetiva na procedência comum, de maneira que esta é importante para a propagação de relações comunitárias, não sendo relevante a consanguinidade.

O pertencimento a um grupo étnico é definido a partir das fronteiras étnicas (BARTH, 1998), um limite social que define o grupo e não apenas sua cultura. Essa fronteira cria uma barreira simbólica que define os membros e não membros de um grupo, no qual a atribuição e identificação são realizadas pelos próprios atores.

Cada grupo cria, no contraste com o outro, sua identidade. Como afirma Agier (2001), o ponto inicial da identidade coletiva é que somos sempre o outro de alguém. Assim, como esclarece Pollak (1992), a construção da identidade é um fenômeno produzido em referência aos outros, estabelecida a partir dos critérios de aceitabilidade e de credibilidade, que se faz por meio da negociação direta com o outro. Ou, ainda como nos diriam Elias e Scotson (2000), é a partir destes critérios de aceitabilidade que definimos quem são os estabelecidos e quem são os *outsiders* de cada grupo.

Ainda sobre a identidade, é importante deixar claro que estas são múltiplas, inacabadas e instáveis, independentemente se são individuais ou coletivas (AGIER, 2001). Esta é construída a partir da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos do poder e revelações de cunho religioso. Todavia, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais relacionados à sua visão de tempo e espaço (CASTELLS, 2000).

Como comenta Le Goff (1990), a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, seja individual ou coletiva. A memória, nas palavras de Pollak (1992, p. 9), pode ser definida

como “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”. Ou seja, a memória envolve sentimentos e pertencimentos entre coletividades. Como lembra Halbwachs (2006), a memória é um fenômeno construído coletivamente e submetido a mudanças constantes.

É importante lembrar que os elementos que constituem a memória coletiva são os acontecimentos vividos pessoalmente ou os “vividos por tabela”, ou seja, vividos pela coletividade ao qual a pessoa pertence (POLLAK, 1992).

Os conceitos acima salientados são importantes quando se busca compreender os mitos coletivos de cada grupo e como eles tentam se sobrepor na memória coletiva da cidade e, para captação das informações, é pertinente neste momento mostrar a metodologia utilizada para a presente pesquisa.

Este trabalho utilizou como método a etnografia, uma tradição de pesquisa iniciada por Boas e teorizada por Malinowski em sua pesquisa junto aos nativos das ilhas Trobriand, publicada no célebre livro *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*.

Como técnica para a coleta dos dados, realizou-se, dentro da etnografia, a observação participante, definida como:

um processo pelo qual se mantém a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado no contexto (SCHWARTZ; SCHWARTZ apud CICOUREL, 1975, p. 89).

A etnografia é a construção das histórias vividas pelo outro, do qual o pesquisador se inteira para produzir teorias e conceitos (ROCHA; ECKERT, 2005) e a observação participante é o acompanhamento destas histórias. Nesta perspectiva, foi necessário, nesta pesquisa, o recolhimento de história oral, considerada por

autores uma disciplina, uma técnica ou uma metodologia (FERREIRA; AMADO, 1998). A história de vida é importante por que “os sujeitos, ao recordarem, lembram individualmente, mas suas lembranças estão carregadas de experiências sociais compartilhadas por outros sujeitos, uma vez que a vivência, ainda que individual é, sobretudo, uma experiência social” (COUTO, 2003, p. 418).

Também realizei entrevistas qualitativas semiestruturadas, cuja estrutura

fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (GASKELL, 2002, p. 65).

Estas entrevistas tiveram como ajuda um tópico guia, citado como indispensável por Gaskell (2002), que recomenda sua utilização como lembrete em situações de esquecimento. Outro apoio indispensável no presente trabalho foram os documentos e registros em arquivos. Os documentos, a partir de Yin (2005), são as fontes escritas como cartas, documentação administrativa, atas de reunião e projetos desenvolvidos. Já os registros em arquivos, ainda conforme o autor, são anotações de serviços organizacionais, de mapas e gráficos, listas de nomes e dados oriundos de levantamento de registros pessoais. Para esta pesquisa, obtive acesso a atas, lista de sócios, mapas, enfim, diferentes elementos igualmente importantes para o estudo.

A cidade de Nova Xavantina foi escolhida para a realização desta pesquisa por ser um espaço construído socialmente por diferentes grupos etnoculturais e por ter estabelecido contato com eles desde meu trabalho de conclusão de curso de graduação (2007), no qual investiguei seus lugares de memória no município⁴. Todavia, a entrada em campo para a pesquisa relatada neste artigo,

4 O trabalho de conclusão de curso intitula-se Lugares de memória, lembranças e esquecimentos: um novo olhar para o *turismo em Nova Xavantina/MT* (2007) e foi defendido no Curso de Bacharelado em Turismo na Universidade do Estado de Mato Grosso.

necessitou de minúcias pertinentes a um trabalho maior, neste caso o de dissertação de mestrado. Logo, acredito ser pertinente apresentar, mesmo que de maneira breve, a entrada em campo junto a cada grupo estudado a fim de contextualizar a pesquisa. Inicialmente, a entrada a campo se deu com os Pioneiros da cidade. Esse grupo sente orgulho em ter feito parte da construção de uma política nacional e externa esse brio a todo momento, a cada conversa, a cada entrevista, fazendo questão de se afirmar como Pioneiro, como construtor da cidade. Assim, tal como ocorreu com Rosa (2004), a comunidade aceitou facilmente minha presença. Havia prazer em contar as histórias antigas, o começo da cidade, a morte de expedicionários durante o trabalho. Era recorrente a necessidade de autoafirmação em ser Pioneiro e ser importante não só para Nova Xavantina, mas para o país, já que eles eram construtores da nação, segundo a posição que Getúlio Vargas propagava.

No que se refere aos Gaúchos, a entrada a campo aconteceu quando passei a frequentar o lugar no qual eles se reúnem, o Centro de Tradições Gaúchas e, nestas idas ao CTG, vi que a principal atividade realizada é o jogo de bocha. Logo, para demonstrar o interesse sobre o que ocorria naquele espaço, fez-se indispensável conhecer o jogo e entender suas regras. Com o intuito de conhecer melhor o grupo, frequentei, ainda, outros espaços de vivência, como o bar da cidade conhecido como Bar dos Gaúchos, onde outras entrevistas foram realizadas e o contato com esse grupo de migrantes foi estreitado.

Sobre os Xavante, é possível, tal como Geertz (1989), Evans-Pritchard (1999) e Maybury-Lewis (1974, 1990), afirmar a sensação de invisibilidade que senti, haja vista a dificuldade para conseguir aproximação com os indígenas em virtude do seu jeito arredo. Durante os diálogos com eles, era comum observar a timidez dos mesmos, a evasão nas respostas e, em especial, as conversas em sua língua nativa com o intuito de me excluir do assunto. Essa situação poderia evocar a grande questão da antropologia, fale a língua de seus nativos, mas, como aponta Zaluar (1988), os

nativos sempre acham termos desconhecidos quando querem excluir o pesquisador da conversa. Essa constatação reporta à afirmação de DaMatta (1987) que, ao entrar no campo, percebeu que não sabia nada sobre os índios que ele conhecia apenas no papel e nos esquemas teóricos e históricos globais.

Sendo assim, de março de 2009 a março de 2010, realizei a pesquisa de campo com Xavante, Pioneiros e Gaúchos, efetivando um total de 22 entrevistas. É importante afirmar que as dicas de Gondim e Lima (2006), quanto à saturação qualitativa foram seguidas e, desse modo, no momento em que as entrevistas se saturaram em conteúdo, finalizou-se o processo.

Além das entrevistas, vali-me de conversas informais, participações em jantares, jogos, enfim, busquei vivenciar o cotidiano dos atores da pesquisa. Particpei, também, do maior evento do CTG da cidade, a Semana Farroupilha, assim como do 23^o Encontro dos Pioneiros da Marcha para o Oeste, mais conhecida como Festa do Pioneiro. A Semana Farroupilha de 2009 aconteceu entre os dias 13 e 20 de setembro de 2009, ocorrendo os eventos alusivos a essa comemoração nos dias 15, 16, 18 e 20 do referido mês. Os eventos do dia 15 ao dia 18 consistiram em jantares acompanhados dos jogos de bocha, que teriam sua grande final no dia 20, quando também aconteceu o conhecido Costelão⁵, evento marcante do qual participam diferentes pessoas da cidade, mesmo sem ter ligação com o Centro de Tradições Gaúchas. Nesse dia é vendido o Costelão e as pessoas vão almoçar no local, que é animado com música ao vivo, além de ocorrer a final do campeonato de bocha. Durante o evento, colaborei com a organização do campeonato de bocha, tornando-me conhecida como secretária do organizador do jogo. No domingo, também auxiliiei na organização inicial e, em seguida, observei o evento como um todo no intuito de vislumbrá-lo em todos os espaços da festa.

O 23^o encontro dos Pioneiros da Marcha para Oeste ocorreu no dia 27 de fevereiro de 2010, em um salão de festas da cidade. O evento começou às dez horas da manhã e contou com a

5 Costelão é uma banda de vaca assada.

participação de autoridades do município e da região, além, é claro, dos Pioneiros e seus familiares. Nesse evento foi possível perceber que, no início, havia poucas pessoas presentes e quanto mais se aproximava o horário do almoço, servido gratuitamente, mais o salão se enchia. Nesse evento, em especial, não participei da organização, apenas observei e coletei dados. Durante esses eventos, muitas histórias de vida foram ouvidas, conversas registradas, fotos tiradas.

Quanto às entrevistas, vale salientar que, para cada categoria estudada, havia um tópico guia. No caso dos Xavante, contemplei, nesse tópico, perguntas sobre o tempo que residem na cidade, se gostam de morar no local, de que aldeia vieram, como foi o encontro dos Xavante com os chamados Pioneiros e com os Gaúchos, sobre a Associação Indígena, além de questões referentes a divertimento e amizade com brancos, filhos, entre outras. Na categoria Pioneiro, as perguntas eram referentes à experiência na Expedição Roncador-Xingu, o encontro com os indígenas, a vinda dos Gaúchos ao município, perguntas referentes à família, além de questionamentos sobre a Associação dos Pioneiros da Marcha para o Oeste e a Festa do Pioneiro. Quanto aos Gaúchos, questionei sobre os motivos da migração para Nova Xavantina, sobre o encontro com os indígenas, o que tinha na cidade na época em que chegaram, perguntas referentes a família, divertimento, e também sobre o CTG. As entrevistas foram realizadas em diferentes lugares, como a casa dos entrevistados, praças da cidade, no próprio CTG, enfim, nos momentos considerados pertinentes para sua realização. O gravador foi utilizado em quase todas as entrevistas. Busquei deixar os entrevistados o mais à vontade possível, ressaltando, no início de cada entrevista, que não havia perguntas que eles não conseguiriam responder e não havia certo ou errado naquele momento. Sendo assim, deixei que os entrevistados me guiassem por suas histórias de vida, ouvindo desde sua migração para a região até os dias atuais, aproveitando para esmiuçar questões pertinentes ao estudo, assim como reaproveitando as deixas para realizar novos questionamentos.

Para a análise dos dados utilizei a análise temática, na qual foi verificada a recorrência dos dados nas entrevistas e, em seguida, foram destacados os assuntos mais abordados pelos informantes (GASKELL, 2002). Inicialmente, foram realizadas as transcrições das entrevistas e estas foram lidas, relidas e agrupadas na medida em que indicavam categorias e características importantes para a pesquisa. A partir da leitura desse material e da reflexão sobre os diários de campo sistematizados e vinculados ao referencial teórico foi possível a organização dos dados apresentados.

AS POLÍTICAS NACIONAIS DE COLONIZAÇÃO E SEU REFLEXO NA IDENTIDADE COLETIVA DE PIONEIROS, XAVANTE E GAÚCHOS

Durante o Estado Novo (1937-1945), o presidente Getúlio Vargas quis integrar a região Centro-Oeste à economia nacional, e deste modo, criou a Marcha para o Oeste em 1938, um projeto nacionalista que defendia a ocupação territorial das chamadas “terras vazias”, expressão getulista usada para caracterizar a região que devia ser ocupada. O discurso governamental declarava ser necessário povoar as áreas do Centro-Oeste brasileiro para assegurar a soberania do território nacional, protegendo-o de supostos invasores internacionais. Entretanto, a Marcha para o Oeste tinha como intuito converter os territórios indígenas tradicionais e de outros grupos em empreendimentos agropecuários (FERNÁNDEZ, 2007).

A Marcha para o Oeste foi uma grande campanha de migração para o interior do país e neste projeto estavam contempladas a criação de colônias agrícolas em diferentes estados — Amazonas, Pará, Mato Grosso, Paraná e Goiás — “destinadas a receber e fixar, como proprietários rurais, cidadãos brasileiros reconhecidamente pobres que revelem aptidão para os trabalhos agrícolas (...)” (Decreto nº 3.059, de 14 de fevereiro de 1941)⁶.

6 Retirado de Esterci (1997, p. 1).

Segundo Esterci (1997, p. 4), com o objetivo de incentivar a migração, o presidente Vargas viajou a diferentes locais, no quais afirmava que "(...) o programa do 'Rumo para o Oeste' é o reatamento da campanha dos construtores de nacionalidade, dos bandeirantes e dos sertanistas, com a integração dos modernos processos de cultura". Deste modo, a bandeira era utilizada como manipulador ideológico para incentivar a migração, pois os bandeirantes eram colocados como heróis e modelos a serem seguidos (CANCELLI, 1984). Como comenta Cancelli (1984), a coragem dos desbravadores do sertão precisava ser revivida pelos futuros Pioneiros do Centro-Oeste, mesmo que esses, em sua maioria, fossem o flagelo da cidade grande e das agruras do Nordeste.

Cinco anos após sua criação, a Marcha para o Oeste concretizou-se com a Expedição Roncador-Xingu, organizada em 1943. Esta era a parte prática da Marcha para o Oeste, sendo responsável por abrir picadas e, assim, construir as primeiras estradas da região. De acordo com os irmãos Villas Bôas (1995), a Expedição Roncador-Xingu tinha a atribuição específica de fazer contato com os índios existentes na região e a Fundação Brasil Central (FBC)⁷ era responsável por implantar núcleos populacionais nos pontos ideais marcados pela Expedição.

O lançamento da Expedição, realizado em São Paulo, buscou reatualizar o mito heróico do bandeirante e os expedicionários (a princípio um grupo de 25 homens) saíram de São Paulo no dia 07 de agosto de 1943, e chegaram ao rio das Mortes (onde se localiza atualmente Nova Xavantina) no dia 28 de fevereiro de 1944. - A chegada ao rio das Mortes representou um grande marco para Expedição e naquele local formou-se um Centro de Atividades, denominado Ministro João Alberto. Este povoado foi elevado a

7 A FBC foi criada por meio do Decreto-Lei nº 5.878, de 04 de outubro de 1943, e consta neste documento que sua missão era "desbravar e colonizar as zonas compreendidas nos altos rios Araguaia, Xingu e no Brasil Central e Ocidental" (FRANÇA, 2000, p. 44).

Distrito de Barra do Garças⁸ em dezembro de 1963, sendo denominado Distrito Ministro João Alberto e no dia 3 de março de 1980 surgiu a cidade Nova Xavantina.

Os migrantes que participaram do Projeto eram homens pobres, principalmente nordestinos que, segundo o discurso oficial, seriam os novos bandeirantes, construtores de um novo país. Por meio desses discursos se percebe o objetivo de construir ou atribuir uma nova identidade para os migrantes que viessem à Amazônia Legal, que deixariam de ser os pobres nacionais para transformarem-se em heróis nacionais, o que revela a possibilidade de transformação da identidade, como comentou Agier (2001).

Segundo Lima Filho (1998), esses homens, denominados inicialmente bandeirantes, tornaram-se, depois funcionários da Fundação Brasil Central, que lhes deu poder, prestígio e *status* social. Posteriormente foram absorvidos por outro órgão do governo, a Superintendência para o Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO) e com a extinção da Fundação Brasil Central em 1967, foram aposentados e instaurou-se uma crise de identidade, colocando em relevo a noção de Pioneiro. Esta crise desencadeou a formação de uma comunidade de Memória, que evocou o passado da Marcha para o Oeste, no qual as categorias Sertão, Fronteira, Índios e Bandeirantes, assim como a noção de Patrimônio, foram organizados de maneira a sustentar as narrativas referentes ao processo de reconstrução da identidade dos Pioneiros. Assim, em 1987 os Pioneiros, juntamente com seus familiares, uniram-se para organizar a Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste, que se realiza todo mês de fevereiro até os dias de hoje, e no ano de 1993 criaram a Associação dos Pioneiros da Marcha Para o Oeste.

A ideia de criação dessa Festa foi de um Pioneiro e de um filho de Pioneiro, que se espelharam no Centro de Tradição Gaúcha criado na cidade pelos gaúchos que haviam chegado por meio dos projetos de colonização. Segundo os idealizadores da Festa,

8 Cidade a 150 quilômetros de Nova Xavantina.

os verdadeiros Pioneiros da região estavam jogados ao léu, e teriam que fazer algo, tomar conta da cidade. Assim, a Festa surgiu como um ato de resposta à disseminação da cultura gaúcha na cidade (LIMA FILHO, 1998).

Nestes eventos, a memória coletiva do grupo é revivida, mostrando, como afirma Barreto (2003), que a memória coletiva refere-se a uma memória social, que está fora do indivíduo, estendida no tempo, guardando eventos acontecimentos há muito tempo.

Outra política ocupacional lançada pelo governo federal a fim de promover a migração para a Amazônia Legal brasileira foi realizada durante a ditadura militar. Naquele momento era necessário abafar as tensões sociais por terra que iniciam na região Sul do país e, para tanto, o governo lançou mão de projetos de colonização que levariam os sulistas para conquistar o *El dourado* na região Amazônica, onde estes bravos homens levariam o progresso ao Mato Grosso, construindo uma grande civilização no local da futura terra prometida. Novamente a doutrina de ocupação dos ditos espaços vazios era colocada em prática.

Inicialmente o governo lançou suas próprias colonizações e, para tanto, criou emendas para dar incentivos fiscais, criou a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e transformou o Banco de Crédito da Amazônia (BCA) em Banco da Amazônia (BASA), dando ao novo banco maiores recursos e poder, entre outras ações. Todavia, a partir de 1973, o governo abandonou a colonização oficial, reconhecendo-a como ineficiente e até demagógica, e passou a dar apoio ostensivo às colonizações particulares, considerando-as ideais para ocupar e desenvolver a Amazônia (SCHAEFER, 1985).

As colonizações particulares, que se tornaram a partir de então a maior via de entrada de agricultores sulistas na Amazônia Legal brasileira, se transformaram em um grande negócio econômico, no qual se comprava terra a preço baixo ou a adquiria direto da União. Desta maneira, construía-se uma infraestrutura básica

(isso quando a mesma realmente era construída) e revendia aos colonos por preços bem superiores (FERNÁNDEZ, 2007).

Pensando em números, em 1950 o Mato Grosso possuía 500 mil habitantes e em 1970, com as migrações ocorridas, a população chegou a 1,7 milhões de habitantes. Até 1960, haviam chegado ao estado 170 mil migrantes e de 1960 a 1970 chegaram mais 250 mil pessoas (SCHAEFER, 1985). A partir desses números compreende-se a reflexão de Teixeira (2006) quando afirma que o Centro-Oeste sempre foi considerado pelo poder público uma solução para grande parte dos problemas do Brasil. O território pouco povoado, a disponibilidade de terras e a possibilidade de se avançar sempre para o Oeste estimularam o avanço da fronteira agrícola nessa região.

Ainda sobre esta válvula de escape que é a Amazônia Legal brasileira, Tavares dos Santos (1993) afirma que sempre há excedente de “nacionais pobres” e, conseqüentemente, uma possível “tensão social”, o Estado assume a orientação das correntes migratórias, levando esta população a locais ainda não tomados pelos latifúndios e, em seguida, o Estado organiza o assentamento destes migrantes em núcleos de colonização.

Os colonos migrantes começaram a partir em julho de 1972 e, ao chegar à Nova Xavantina, encontraram o chamado espaço vazio ocupado por Xavante, Pioneiros e posseiros. É válido ressaltar que as políticas oficiais de colonização desqualificam os moradores da região a fim de promover a migração, chamando-os de ociosos, sem iniciativa e dinamismo, além de outros termos pejorativos.

Nesta situação, confrontos com os indígenas foram registrados, tanto em Barra do Garças quanto em Nova Xavantina (FRANÇA, 2000). Essa foi a primeira fase da colonização, tal como descrita por Tavares dos Santos (1993). Essa fase corresponde ao assentamento dos colonos e caracteriza-se pela agricultura de subsistência (que durou de 1972 a 1974). Na segunda fase, que vai de

1974 a 1979, ocorreram grandes colheitas de arroz. Em seguida, veio a crise (1973 a 1983) devido ao esgotamento do solo pela monocultura do arroz. Nesta época, quase metade dos colonos se endividou e a situação se agravou de tal maneira que o Banco do Brasil começou a confiscar as máquinas agrícolas dos inadimplentes. O último período da colonização começou em 1984 com a possibilidade de correção e melhoramento do solo por meio de uma usina de calcário na região. Logo, iniciou-se o plantio de soja e o Banco do Brasil liberou créditos a curto prazo, dando início a uma nova fase.

Afinados com os discursos oficiais que incentivavam a migração, muitos sulistas afirmaram ao longo da pesquisa que “a gente veio pra cá era novo né, cidade nova aqui, a gente veio pra cá pra desenvolver a cidade né”. Sobre esse assunto, um entrevistado afirmou que “se não tivesse saído aqueles projetos isso tudo aqui era mato (...) quem abriu tudo aqui foi nós”.

Ao chegar ao novo espaço, estes gaúchos imbuídos de trazer o progresso ao Mato Grosso trouxeram também suas práticas culturais e, dessa maneira, se reuniram para criar um Centro de Tradições Gaúchas no novo espaço. O Centro de Tradições Gaúchas – Centro Oeste Pampeano foi juridicamente fundado em 1986, todavia, as reuniões para sua criação já ocorriam desde 1979. De acordo com seu estatuto (1986), o CTG tem o objetivo de promover e cultivar as tradições do Rio Grande do Sul.

Deste modo, percebo que tanto o grupo dos Pioneiros quanto o grupo dos Gaúchos se preocupou em manter a memória do seu grupo na cidade e, para tanto, estabeleceram na cidade associações que buscam, por meio de rituais, transmitirem seus valores e conhecimentos, como diria Peirano (2003). O fato da Festa do Pioneiro ter surgido a partir da organização do Centro de Tradições Gaúchas revela que a memória coletiva nova-xavantinense é disputada em conflitos sociais, não esquecendo que os Xavante também reivindicam sua importância perante a memória oficial do município. Ainda sobre a rivalidade quanto

à memória coletiva, Pollak (1992, p. 5) afirma que “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”.

Esses dois grupos, o dos Pioneiros e dos Gaúchos, ao chegarem à Nova Xavantina encontraram o espaço ocupado pelos indígenas da etnia Xavante. Estes indígenas migraram para a região do rio das Mortes, onde se localiza Nova Xavantina, entre 1820 e 1870⁹, fugindo das investidas dos brancos. Todavia, esse contato foi inevitável em virtude da integração da região Centro-Oeste à economia nacional durante o governo Vargas e, com a maciça colonização sulista no Mato Grosso, intensificou-se o contato entre indígenas e não índios.

Os primeiros contatos entre os xavante e os brancos reforçaram a visão dos não índios quanto a esta etnia, pois os Xavante são conhecidos como índios bravos e guerreiros. Sendo assim, antes do primeiro contato pacífico muitos brancos morreram, sendo conhecidos os casos dos padres João Fughes e Pedro Sagilotti, mortos a bordunadas em novembro de 1934, quando tentavam contato com esses indígenas, além do grupo enviado pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), morto em 1941. Entretanto, com o desenvolvimento dos projetos governamentais para ocupação do Centro-Oeste o contato acabou sendo estabelecido a partir de 1946. Como comenta Darcy Ribeiro (1962, p. 82, grifos do autor), só em 1946, “se renderam à paz, que jamais desejaram, os índios *Xavantes* do Rio das Mortes”.

Todavia, na cosmovisão Xavante, eles pacificaram os brancos. Cardoso de Oliveira (1976) relata que o sertanista Francisco Meireles, o primeiro a manter contato pacífico com estes indígenas, ao aproximar-se do chefe Xavante, recebeu de presente

9 Pouco que se conhece sobre a história dos Xavante, sabe-se que até início do século XIX eles viviam no norte de Goiás, entre o Tocantins e o Araguaia. Os antigos Xavante se declaravam provenientes do grande mar, Ôwawê, de onde teriam migrado em tempos imemoráveis para o interior do Brasil, rumo aos grandes planaltos (MAYBURY-LEWIS, 1974; LACHNITT, 2003).

um colar, que foi colocado em seu pescoço com palavras cuja tradução literal seria: “Amanso-te branco!” Esta informação é importante por revelar como os Xavante se veem perante a sociedade envolvente, desde a pacificação até os dias de hoje. Nesta perspectiva, Fernandes (2005) afirma que os Xavante se veem enquanto agentes do contato e, sendo assim, todas as ações partem deles, isto é, os Xavante escolhem que caminho seguir, o que fazer e quando fazer.

Ainda sobre os primeiros contatos com os não índios, com a instalação das bases da Fundação Brasil Central em Xavantina, os Xavante começaram a frequentá-la com assiduidade, o que incomodava os brancos. Assim, afirma Maybury-Lewis (194, p. 62), “estava claro que tencionavam [os Xavante] viver em Xavantina e, tanto quanto possível, sem seus moradores”. Deste modo, este aparecimento constante dos Xavante na área urbana estava intimidando a fixação de colonos na terra e ameaçava a colonização. Ademais, a população acusava os indígenas de se servirem conforme lhes dava vontade quando visitavam as casas e o comércio de Xavantina, o que representava um grande problema para um local com suprimento precário, visto que, nesse período, Xavantina era ainda uma base para penetração, contando apenas com um campo de pouso e um destacamento da Força Área Brasileira. Logo, o Serviço de Proteção ao Índio foi acionado para delimitar áreas específicas aos indígenas (MAYBURY-LEWIS, 1974).

Com a chegada de sulistas a partir de década de 1970, a região transformou-se e os indígenas perderam a evidência. Ao retornar à região xavante em 1982, o antropólogo Maybury-Lewis afirma que

a região de fato, tinha sido invadida por sulistas, gaúchos do Rio Grande do Sul à procura de terras na amplidão do interior, esperando enriquecer com gado e arroz. Os restaurantes da cidade serviam churrasco e tocavam alegres músicas gaúchas, muito diferentes da música melancólica do interior, produzida pelos nativos. Os nativos, e ainda menos os nativos indígenas, em todo caso não estavam muito em evidência (...) Barra dos Garças fervilhava com as histórias a respeito de como

bandos Xavantes tinham ido a uma por uma dessas casas de fazenda e obrigado seus donos a encilhar o cavalo ou a pegar o seu Toyota e a partir na mesma hora. Mulheres chorosas descreviam como tinham olhado para trás, pela última vez, para suas casas e visto os Xavantes entrando nelas e levando seus pertences. Essas eram pessoas que tinham se mudado para território indígena, certas de que os índios, uma vez 'pacificados', nunca expulsam os 'civilizados'. (MAYBURY-LEWIS, 1990, p. 402-403)

Apesar de terem sido estabelecidos em territórios indígenas, é constante a presença destes no espaço citadino. Isto acontece porque, de acordo com França (2000), os Xavante vem a cidade para trabalhar (na Funai); para estudar ou para acompanhar parentes que estudam; para tratamento de saúde; para receber pensões e aposentadoria; e, ainda, para resolver questões judiciais, pois a cidade possui comarca.

DIFERENTES MITOS COLETIVOS SE ENCONTRAM

O encontro destes diferentes grupos etnoculturais em Nova Xavantina pode ser visto por diferentes óticas, isto é, cada grupo tem sua forma de entender o processo que resultou no encontro de seus familiares descendentes – ou deles mesmos – com os demais e como é a relação entre eles. Nesta relação, diferentes ideologias são postas – como a do herói nacional – criados para os expedicionários que vieram a partir da Marcha para Oeste, o de heróis nacionais detentores do progresso – relacionada aos sulistas que vieram a partir da década de 1970 para a região. Estas ideologias foram estabelecidas pelos projetos nacionais dos quais os Pioneiros e sulistas participaram e resultaram na incorporação destes personagens pelos homens que migraram. Além disso, ao chegarem à região havia os Xavante, conhecidos por suas características de índios bravos e guerreiros. Características estas reforçadas pelas elites da época e consequentemente pelos jornais, que encontraram nos Xavante um valioso recurso humano que poderia contribuir para o chamado caráter nacional brasileiro (GARFIELD, 2000).

Os contatos iniciais entre os Xavante e os expedicionários da Fundação Brasil Central foram turbulentos, pois os próprios índios divergiam se queriam ou não o contato. Como comenta o Xavante Ari “na verdade entre nós também existia uma barreira, uns queriam outros não queriam que o povo entrasse. Se todo mundo concordasse assim, não e não, não tinha contato. Só que foi fazendo tipo uma barreira que até entre nós também criou uma guerra”. Esse conhecimento narrado por um indígena que não participou destes primeiros contatos revela, como aponta Pollak (1992), que a memória é constituída dos acontecimentos vividos pessoalmente e pelos “vividos por tabela”, isto é, os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer. Neste caso, o primeiro encontro dos Xavante com os chamados Pioneiros, apesar de não ter sido presenciado, é muito claro na memória de ambos grupos. Assim, fica clara a assertiva de Félix (1998, p. 42) quando o autor esclarece que a “memória pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo”.

Com o passar do tempo, os contatos melhoraram e logo se estabeleceu uma interação um pouco mais tranquila de maneira que alguns indígenas trabalharam na Fundação Brasil Central e alguns Pioneiros até criaram filhos de indígenas. Porém, por mais que esse contato tenha se tornado um pouco mais amistoso, “não mistura, sempre dividiu, né”, afirma um xavante, referindo a relação entre estes grupos. Sendo assim, os Xavante declaram que podem até manter contato com o branco, mas a nação Xavante continua autêntica. Por meio desta explanação, compreende-se a afirmação de Pollak (1989) quando o autor declara que a memória comum tem como função manter a coesão interna assim como defender as fronteiras simbólicas do grupo, neste caso, as fronteiras simbólicas que permeiam a interação dos Xavante com outros grupos é delimitada a partir do momento que os grupos interagem, mas esclarecem que não se misturam.

Já quanto ao encontro com Gaúchos, este sempre foi conturbado, principalmente devido às lutas por demarcação de terras

indígenas que ocorreram principalmente na década de 1970, visto que grande parte dos fazendeiros que estavam em territórios indígenas eram colonos Gaúchos vindos para a região a partir dos projetos de colonização ocorridos nesse período. Sendo assim,

com Gaúcho, amizade nem se fala, que sai briga sabe, eles também têm esse sistema. Se passar um ali e ver que nós estamos aqui, nem passa por aqui, quer dizer, não é uma discriminação não, isso já vem do começo sabe (Xavante Ari).

É ódio do passado, tá escrito até no sangue (Xavante Pedro).

Logo, os fazendeiros são vistos como maiores inimigos dos Xavante, nesse caso, representados principalmente pelos Gaúchos, pois “são os caras que querem tomar terra”. Quando começaram a ser formadas as fazendas na região os territórios indígenas foram ocupados e assim, na visão dos indígenas, os Gaúchos “chegaram sem permissão, fazendo corte na área, mas como o Xavante não quer, foi pra cima. Muito índio foi morto também, muito fazendeiro foi morto”, ou seja, com o Pioneiro foi o próprio Xavante que decidiu a hora de fazer o contato, a hora de amansar o branco. Já os Gaúchos chegaram e invadiram, não tendo os Xavante a possibilidade de decidir com antecedência o que deveria ser feito.

Sendo assim, na visão Xavante, os Gaúchos não gostam deles e tomaram suas terras, pois “o Gaúcho, ele não gosta do Xavante e se reuniu assim na fazenda dele, até a cidade, ele foi atrás do Xavante. O Gaúcho guerreou com Xavante, mataram criança, mulher, morreu no Cerrado”. Percebe-se, nesta fala, que a perseguição vai muito além do território indígena, estendendo-se também no ambiente citadino e, por mais que não haja conflito armado nos dias de hoje, “Xavante não mistura com Gaúcho”.

PIONEIROS: “NÓS SEMEAMOS A SEMENTE”

Os expedicionários que fizeram parte desta pesquisa vieram para a região de Nova Xavantina quando os primeiros contatos

amistosos com os Xavante já haviam sido estabelecidos, entretanto, todos conhecem as histórias do primeiro contato com estes indígenas. Essa lembrança de fatos que não foram presenciados revela, como aponta Thompson (1992), que o processo de memória depende não só da capacidade do indivíduo, mas, também, de seu interesse e, desta maneira, é mais provável que uma lembrança seja mais precisa quando corresponde a um interesse, nesse caso, a importância de se conhecer os fatos relacionados à Expedição Roncador Xingu.

Quanto aos primeiros encontros e mesmo hoje os Xavante são vistos pelos Pioneiros como bravos, guerreiros, o que dificultou o contato nos primeiros anos. Conta um dos entrevistados: “Os Xavante ficaram aqui na região deles, mais na beira do Araguaia, por aí, era uns índios perigosos (...) bravo. Mas eles já falavam português (...) mas eram perigosos. Eu sei que a gente sofreu muito, né”. Essa fala mostra que, apesar do Xavante ser categorizado como bravo, havia homens à sua altura, que sofreram para lidar com eles, mas que conseguiram um relacionamento amistoso. Logo, eles eram bravos, mas nós éramos corajosos. Sendo assim, há, por parte dos Pioneiros, o reconhecimento da identidade Xavante como índios bravos.

Esse momento de aproximação entre Pioneiros e Xavante revela, como salienta Follmann (2001), que a identidade é o conjunto de traços que resultam da interação entre os sujeitos, seja para diferenciar-se um dos outros seja nos momentos de assemelhação. Neste caso, a identidade de bravos é compartilhada, na visão dos Pioneiros, pelos Pioneiros e pelos Xavante.

Quanto ao relacionamento atual, os Pioneiros afirmam que estas continuam boas, visto que, na visão dos Pioneiros, os Xavante são amigos e os respeitam. Sobre esta relação, conta um Pioneiro:

Um fato muito curioso. Esse sítio meu que eu tenho ali perto de Água Boa, tem uma aldeia encostadinha. Os índios foram lá e já malinaram e carregaram minhas coisas. Eu falei com Evaldo Filho, filho do finado Evaldo, que fala a língua dos índios também, cuidou dos índios. Ele

recomendou os índios, aqueles índios mais velhos que me conheceram que eu era jogador de futebol e eles jogavam futebol conosco e o Evaldo falou pra eles que eu era um Pioneiro velho da Fundação. Então eles me respeitam. Hoje esse Jovelino que trabalhou conosco, ele fala com aqueles índios mais novos assim: - Não vai lá não, lá é amigo nosso, Pioneiro da Fundação. Aí fala em Fundação e eles têm uma estima muito grande pela Fundação e por nós, evidentemente, porque a Fundação éramos nós, né, os Pioneiros. Então eles têm uma estima, uma consideração, né. Então eles não foram mais lá ao meu sítio. E essa relação é fundamental, eles tinham essa consideração conosco.

Os Pioneiros afirmam que a recíproca de respeito e consideração é verdadeira e que eles respeitam a hierarquia quanto à chegada no espaço xavantinese. Tanto que, conta um expedicionário, durante um desfile de aniversário da cidade, a organização do desfile quis colocar os Xavante atrás dos Pioneiros na marcha do desfile, entretanto, o Pioneiro argumentou que, quando eles chegaram, os índios já estavam aqui.

Sobre o relacionamento com os Gaúchos, os Pioneiros afirmaram que este é tranquilo, porém pode-se observar que, quando se coloca em pauta o pioneirismo da região, os conflitos surgem. Questionados sobre como foi quando os Gaúchos chegaram, os Pioneiros afirmam que estes vieram após o projeto de Getúlio Vargas de colonizar e abrir estradas na região. Para os Pioneiros, a vinda dos Gaúchos para região teve como objetivo desenvolver a agricultura da região. Por meio deste entendimento, depreende-se que, na visão dos Pioneiros, a chegada dos Gaúchos foi apenas com o objetivo de trabalhar, enquanto a função dos Pioneiros foi além, ou seja, eles vieram com objetivos muitos maiores e mais importantes para o Brasil, que consistiam em desbravar e colonizar o Centro-Oeste do país. Além disso, no entendimento dos Pioneiros fica claro que, para que os Gaúchos viessem à região foi necessário que os Pioneiros tivessem chegado antes e aberto estradas.

Todavia, eles reconhecem a importância da chegada dos Gaúchos para o desenvolvimento da região, visto que

(...) aqui desenvolveu até, posso dizer, assim rapidamente, em um curto período porque os sulistas vieram pra cá. Porque os *Pioneiros semearam uma semente*, mas com essas mudanças de órgãos públicos, que é complicado, (...) a Fundação coibia pessoas de fora que não fossem funcionários, uma espécie de regime militar (...). Mas como surgiram terras por aí, devolutas, veio o Norberto Schwantes, que era um Gaúcho (...) trouxe a leva de Gaúchos aqui pra melhorar a região. Aqui é muito fértil, a terra aqui é muito fértil e trouxe o pessoal. Por aí veio o desenvolvimento. *Nós semeamos a semente e essa semente ela hoje está dando frutos maravilhosos*. Não foi em vão o suor que nós derramamos, as lágrimas que nós derramamos (...) | Ficou emocionado. Então, aqui derramou o sangue de pessoas para o bem do desenvolvimento dessa região (...) (grifos meu).

Por meio desse discurso, evidenciamos que os Pioneiros reconhecem a importância dos Gaúchos na região e veem como essencial sua chegada para desenvolver o município, que não crescia em virtude da própria Fundação, visto que esta impedia a entrada de outros que não funcionários dos órgãos do governo. Logo, com a abertura da região para outras pessoas, ocorreu um desenvolvimento que eles não puderam oferecer, em virtude do órgão federal que representavam. Além disso, sua missão na região já havia sido realizada, pois eles já haviam *semeado a semente*, que, com a chegada de outrem, pode crescer e frutificar, resultando na prosperidade da cidade. Metaforicamente, o mais difícil já havia sido realizado, o solo já estava pronto, os Pioneiros já o tinham semeado.

A estranheza inicial do primeiro contato entre Pioneiros e Gaúchos passou e uma convivência mais harmônica surgiu, todavia, no momento em que ambas as partes tomam o pioneirismo da região para si, os conflitos simbólicos são estabelecidos. Como afirma um antigo expedicionário, Pioneiro não é quem veio trazer o progresso, como os Gaúchos, e sim

quem trabalhou na Fundação. Porque esses que chegaram, que trabalharam em outro lugar, não trabalhou na Fundação, não é Pioneiro. Ele é participante da cidade, Pioneiro da cidade, assim, pega o título de xavantinense, mas não é Pioneiro porque não trabalhou na Fundação.

Então Pioneiros são esses que chegaram primeiro, trabalharam, deram o sangue por Xavantina, esse é Pioneiro, sabe.

GAÚCHOS: “A GENTE VEIO PRA DESENVOLVER A REGIÃO”

Ao serem chamados para colonizar o Centro-Oeste brasileiro os sulistas ouviram dos discursos oficiais que iriam ocupar o espaço vazio do país e desenvolvê-lo, porém, ao chegar ao novo espaço não o encontraram desocupado. Assim, ocorreram encontros entre indígenas e sulistas. Como conta um entrevistado gaúcho

é, invadiu aqui los Xavantel, ali ao redor, tinha muito índio. E não podia dar confiança pra eles, às vezes eles iam à fazenda e queriam tudo, até gado eles queriam pegar. (...) E quando encontrava não podia dar atenção pra eles que eles ficavam pedindo as coisas.

Sobre essa “pedição”, outros Gaúchos afirmaram que os Xavante sempre pediam dinheiro na rua quando os encontravam e este era o diálogo travado no início. Além disso, alguns entrevistados Gaúchos comentaram que fizeram amizade com os Xavante, porém, dando atenção à conversa percebeu que fazer amizade, na linguagem deles, é não causar atrito com indígenas, isto é, se brigar com indígena quem vai preso é o homem branco – na visão dos entrevistados. Assim, percebe-se que muitos consideram que os indígenas são protegidos pelo Estado, tendo regalias, recebendo sem trabalhar, enfim, os Gaúchos, tal como muitos outros brasileiros, perpetuam preconceitos étnicos e estereótipos que resultam no estigma sofrido pelos indígenas. Até atributos considerados favoráveis pelos próprios Xavante são negados pelos Gaúchos, como mostra o relato do Gaúcho Alberto:

Alberto: Eu já conhecia índio, só que era de outra raça. Chama de bugre, né.

Pesquisadora: e os daqui eram bravos?

Alberto: Nunca! Eu já mexi muito com “indiaiada” e nunca tive problemas.

É interessante destacar que, para o Xavante, o termo bravo só reforça a sua identidade de guerreiro, da qual ele se orgulha e, enquanto os Pioneiros reconhecem esta identidade e a reforçam, os Gaúchos a negam. Logo, nesse caso, uma identidade se afirma negando atributos da outra, o que nos retoma a Barth (1998).

O relacionamento atual entre os Gaúchos e os Xavante hoje, na visão dos Gaúchos, está mais tranquilo, pois “eles estão mais civilizados (...) hoje tá bom, aquela época não dava da gente confiar”.

Ao realizar as entrevistas com os Gaúchos, um dos tópicos referia-se sobre a vinda deles para a região, como foi quando chegaram e, neste momento, sempre surgia a pergunta sobre quem os Gaúchos encontraram quando chegaram à região. Algumas respostas surpreenderam, pois somente alguns mencionaram a presença do pessoal da Fundação Brasil Central. Grande parte, ao ouvir este questionamento, respondia afirmando que, na região, havia os Gaúchos – que migraram antes, ou responderam que não havia nada, pois “aqui tinha só mato”. Houve os que consideram a existência das casas da Fundação Brasil Central, mas é como se não existissem pessoas morando nelas “Quando nós chegamos aqui só tinha a cidade velha lá embaixo. Depois veio a povoação, o finado Norberto Schwantes [dono da colonizadora que trouxe gaúchos à região] foi comprando áreas e foi povoando, trazendo povo do Sul”.

Perguntados diretamente sobre o relacionamento com o pessoal da Fundação Brasil Central, os Gaúchos sinalizaram a dificuldade inicial na comunicação em virtude da linguagem. Logo, os gestos foram por muitas vezes utilizados em complemento à linguagem que não se entendia. Posterior a este período de entendimento por gestos, o diálogo começou a fluir até amizades surgiram, “a não ser com os índios que nós não fizemos muita amizade. Todo mundo era amigo, a gente se fazia favor”. Um mais sincero afirmou que

não, com esses aí havia uma questão assim, o pessoal que veio do Sul, esses que vieram pela colonizadora, eles consideravam o povo daqui preguiçoso, fazia pouco, já existia uma certa discriminação, espécie de preconceito, não assim que influenciasse de ter assim uma inimizade, um confronto por parte deles que moravam aqui (...) eles elogiavam, né, o trabalho desses Gaúchos, de Pioneiros, de desbravadores, que enfrenta os desafios (...)

Esse discurso mostra como os moradores da região eram colocados pelas políticas de colonização e como os Gaúchos introjetaram este discurso. Observa-se nesse discurso, as palavras “pioneiros” e “desbravadores” associadas a eles, Gaúchos, e não aos expedicionários da Expedição Roncador Xingu, o que revela uma disputa pelo pioneirismo na região, afinal, os Gaúchos se dizem importantes porque foi a partir da chegada deles que a região se desenvolveu, lembrando Pollak (1992) ao afirmar que a memória e a identidade podem ser disputadas em conflitos sociais e intergrupais.

Quanto ao relacionamento atual com os expedicionários da Fundação, eles relataram ser tranquilo e afirmaram que “misturou muita raça” e que “aqui tem gente de todos os estados do Brasil (...). Agora tem uma mistura aqui que eu nem sei mais dizer quem é quem. Aí começou todo mundo se entender”. A partir desta declaração, percebe-se a miscigenação da cidade, que faz parte da região que mais recebe migrantes no Brasil – o Centro-Oeste (IBGE: 2009). Todavia, é importante salientar que os demais migrantes residentes no município realizaram migrações espontâneas, diferentes da migração seminômade dos Xavantes e das migrações por projetos nacionalistas como dos Pioneiros e Gaúchos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia Legal brasileira sempre foi vista pelo governo como válvula de escape para momentos de tensão. Assim, nordestinos pobres e gaúchos colonos foram colocados em marcha para esta

região a fim de abafar tensões sociais pelas quais suas regiões passavam. Para colocar tais grupos em marcha, o governo utilizou-se de estratégias de divulgação deste espaço, colocando-o como o paraíso, como o novo *El dourado*, utilizando-se da doutrina dos espaços vazios, ou seja, estes locais estariam à espera de homens corajosos para desenvolvê-los, esquecendo-se que a região já estava ocupada pelos indígenas. Além disso, o discurso oficial se preocupou em transformar estes migrantes em heróis nacionais para incentivar a migração.

Estes grupos partiram em direção ao novo espaço e, a partir dos discursos ouvidos e de suas histórias de vida, criaram seus mitos coletivos de origem, que fazem parte da identidade e da memória coletiva de cada grupo e são reproduzidos à sociedade nova-xavantinense.

Esta memória coletiva revela que, para os Xavante, eles são os principais habitantes do município em virtude de terem sido os primeiros moradores e, mesmo morando na cidade e não nas aldeias, seu povo continua autêntico. Enquanto isso, os Pioneiros mostram, na interação com o outro, seu orgulho por terem participado da história do país, assim, o pioneirismo é reafirmado como uma identidade coletiva que pertence somente a um grupo, ao deles. Já os Gaúchos partilham a mesma perspectiva de importância frente à história nacional e tomam para si a importância de terem construído a cidade. Deste modo, somente eles, Gaúchos, que compartilham os mesmos valores de trabalho e coragem, podem dizer que são os pioneiros responsáveis pelo desenvolvimento da região. Sendo assim, suas interações estão pautadas nesta perspectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, n. 7, p. 7-33, 2001.
- BARRETTO, M. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998. p. 188-227.
- CANCELLI, E. *Estratégia para o flagelo*. Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, SP, 1984.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS CENTRO-OESTE PAMPEANO DE NOVA XAVANTINA. *Estatuto Interno*. Nova Xavantina: CTG, 1986.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.
- COUTO, A. M. S. Memória e consciência: narrativas individuais e experiências sócias. *Cadernos do Centro de Organização da Memória do Oeste*, ano 16, n. 17, p. 415-459, 2003.
- DAMATTA, R. da. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- ELIAS, N; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ESTERCI, N. O mito da democracia no país das Bandeiras. *Pesquisa antropológica*, n. 18, 1977.
- FÉLIX, L. O. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupe, 1998.
- FERNANDES, E. R. *Entre cosmologias, estratégias e performances: incursões Xavante à Funai*. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2005.

- FERNÁNDEZ, A. J. C. *Do Cerrado à Amazônia: as estruturas sociais da economia da soja em Mato Grosso*. Tese (Doutorado)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, 2007.
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FOLLMANN, J. I. Identidade como conceito sociológico. *Revista Ciências Sociais* (Unisinos), v. 37, n. 158, p. 43-66, 2001.
- FRANÇA, M. S. C. de. *Xavantes, Pioneiros e Gaúchos: relatos heróicos de uma história de exclusão em Nova Xavantina*. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2000.
- GARFIELD, S. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. *Revista Brasileira de História*, v. 20, n. 39, p. 13-42, 2000.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GODIM, L. M. P.; LIMA, J. C. *A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso*. São Carlos: EdUFSCar, 2006.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- IANNI, O. *A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/>>. Acesso em: 07 abr. 2012.
- LACHNITT, Jorge. *A epopeia Xavante*. Campo Grande: UCDB, 2003.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.
- LIMA FILHO, M. F. *Pioneiros da Marcha para Oeste: memória e identidade na Fronteira do Médio Araguaia*. Tese (Doutorado)-Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 1998.
- MAYBURY-LEWIS, D. *A sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.
- MAYBURY-LEWIS, D. *O selvagem e o inocente*. Campinas: Unicamp, 1990.
- PEIRANO, M. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, p. 03-15, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2007.
- RIBEIRO, D. *A política indigenista brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1962.
- ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- ROSA, M. V. R. *Espinho: a desconstrução da racialização negra na escravidão*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- SCHAEFER, J. R. *As migrações rurais e implicações pastoris: um estudo das migrações campo-campo do sul do país em direção ao norte de Mato Grosso*. São Paulo: Loyola, 1985.
- TAVARES DOS SANTOS, J. V. dos. *Matuchos: exclusão e luta – do Sul do país para a Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- TEIXEIRA, L. *A colonização no norte de Mato Grosso: o exemplo da gleba Celeste*. Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, SP, 2006.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VILLAS BOAS, O.; VILLAS BOAS, C. *A Marcha para Oeste: a epopéia da Expedição Roncador Xingu*. 5 ed. São Paulo: Globo, 1995.
- ZALUAR, A. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, R. C. L. (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 107-126.
- WEBER, M. Relações comunitárias étnicas. In: _____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1994. p. 267-277.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

RESUMO

O objetivo do presente artigo é mostrar os mitos coletivos de origem dos Pioneiros e Gaúchos, grupos que migraram para a Amazônia Legal brasileira a partir de políticas de colonização oficiais e também dos indígenas da etnia Xavante, primeiros habitantes da região, revelando, por conseguinte, o relacionamento entre eles. Para tanto, foi realizada uma pesquisa etnográfica na cidade de Nova Xavantina/MT. Como resultado, a pesquisa revela que as ideologias apresentadas pelo governo nas políticas de colonização foram incorporadas à memória coletiva de cada grupo e, portanto, eles divergem quanto ao pioneirismo na região.

Palavras-chave: Amazônia Legal Brasileira, Políticas de Colonização, Memória Coletiva.

RESUMEN | MITOS DE ORIGEN Y MEMORIA COLECTIVA: UN ESTUDIO DE GRUPOS QUE EMIGRARON A PARTIR DE POLÍTICAS DE COLONIZACIÓN OFICIALES PARA UNA CIUDAD BRASILEÑA DE LA AMAZONIA LEGAL

El propósito de este artículo es mostrar los mitos colectivos de origen de los Pioneros y gauchos, grupos que emigraron a la Amazonia brasileña a partir de las políticas oficiales de colonización y también los indígenas Xavante, primeros habitantes de la región, revelando por tanto, la relación entre ellos. Y con ese fin, se realizó un estudio etnográfico en la ciudad de Nova Xavantina/MT. Como resultado, la encuesta revela que las ideologías presentadas por las políticas del gobierno en la colonización se incorporaron en la memoria colectiva de cada grupo y por lo tanto difieren en cuanto a ser los pioneros en la región.

Palabras clave: Amazonia brasileña, Políticas de colonización, Memoria colectiva.

ABSTRACT | MYTHS OF ORIGIN AND COLLECTIVE MEMORY: A
STUDY OF GROUPS WHO MIGRATED FROM OFFICIAL
COLONIZATION POLICIES FOR A CITY OF BRAZILIAN
LEGAL AMAZON

The aim of this paper is to show the collective myths of origin of the Pioneers and the Gauchos, groups that migrated to the Brazilian Legal Amazon from official policies of colonization and also the Xavante indigenous, first inhabitants of the region, revealing thus the relationship between them. To that end, we conducted an ethnographic study in the town of Nova Xavantina / MT. As a result, the search reveals that the ideologies showed by government colonization policies were incorporated into the collective memory of each group and therefore they diverge as being the pioneers in the region.

Keywords: Brazilian Legal Amazon, Settlement policies, Collective Memory.